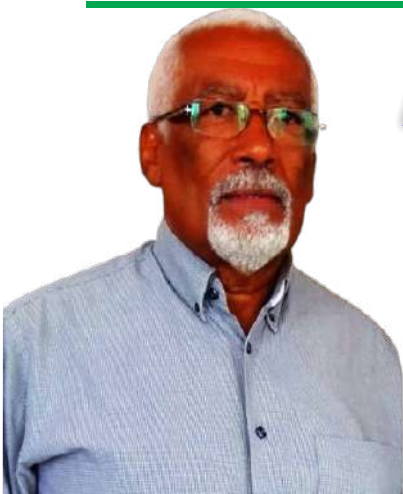



25 anos da APLA

25
Anos
JUBILEU DE PRATA

JORNAL DA
APLA



A VOZ DA ACADEMIA PESQUEIRENSE DE LETRAS E ARTES | maio 2026

Berço de grandes vultos da cultura nacional, com destaque no cenário político e cultural do país, a lendária cidade de Pesqueira foi batizada de “Atenas do Sertão” pelo Cardeal Joaquim Arcoverde, filho da terra, em alusão aos homens que nela nasceram e elevaram seu nome.



O Jornal da APLA é uma publicação da Academia Pesqueirense de Letras e Artes.

Editorial: Conceição Alves

Revisão: Ana Paula Lima

Edição, Diagramação e Arte: Flávio J. Jardim

Cartum: Gui Marães.



© 2023 Todos os Direitos Reservados. Permitida a reprodução dos artigos e reportagens desde que citada a fonte.



por
**CONCEIÇÃO
ALVES**

Academia Pesqueirense de Letras e Artes: 25 Anos

A cidade de Pesqueira, a “Ararobá Lendária e Eterna,” erguida ao sopé da imponente Serra do Ororubá, teve início por volta do ano de 1656, com a fundação de uma missão do padre oratoriano João Duarte do Sacramento em meio ao

povo indígena ararobá, juntando-se a eles em 1690, o povo Xukuru.

No final do século XVIII, foi evoluindo a partir da fazenda de Manoel José de Siqueira, tendo sido elevada à vila em 13 de maio de 1836, e 1880 tornou-se cidade, tendo completado 146 anos em 20 de abril de 2026.

Berço de grandes vultos da cultura nacional, com destaque no cenário político e

cultural do país, a lendária cidade foi batizada de “Atenas do Sertão” pelo Cardeal Joaquim Arcoverde, filho da terra, em alusão aos homens que nela nasceram e elevaram seu nome.

No ano de 2001, um grupo de intelectuais interessados na cultura da cidade, teve a brilhante ideia da criação de uma academia que agregasse escritores e artistas com a finalidade de despertar, nos jovens, o interesse pela cultura da região, marcada pela passagem de grandes escritores, historiadores, pensadores, poetas e artistas em vários segmentos.

De início reuniram-se numa casa antiga, à Rua Dr. Lydio Parahyba, 161. O idealizador foi o acadêmico fundador, Adeilton Possidônio Tenório de Brito, que se uniu a mais cinco pessoas ligadas à cultura, com o mesmo objetivo. Eram



DIRETORIA DA APLA

Presidente: Conceição Alves
Vice presidente: Gera Santana
Sec. Geral: Andréa Galvão
2ª Secretária: Galba Macedo
Tesoureira: Maria José Gomes

2ª Tesoureira: Maria Rita Freitas Albuquerque
Diretor de Patrimônio: Nilo Moraes
Diretora de Biblioteca e Arquivo: Andréa Galvão
Conselho Fiscal: Carlos Galindo, Eduardo Gonçalves, Paulo Muniz





eles: Aluiz Tenório de Brito, Djanira Silva do Rêgo Barros, Flávio Chaves, José Airton Monteiro e Leny Amorim. A reunião oficial ocorreu no dia 17 de janeiro de 2001, na sede da UBE-Secção Pernambuco no Recife, à Rua Santana, 202, no Bairro de Casa Forte. Formada a diretoria executiva, nessa ocasião, foi fundada a Academia Pesqueirense de Letras e Artes.

Em 22 de janeiro, realiza-se, a primeira reunião ordinária e então, foram aprovados o estatuto e regimento interno.

Definidos os patronos das 40 cadeiras, (modelo originário da Academia Francesa), seleção feita pelos organizadores entre personalidades que fizeram a história da cidade, foi designada uma comissão para pesquisar os dados bibliográficos desses grandes homens e mulheres que deixaram sua marca registrada no âmbito cultural.

Depois de pensados e criadas os símbolos da academia (brasão, bandeira, estandarte, fardão, logomarca e medalha), foram escolhidos os primeiros ocupantes das aludidas cadeiras, entre aos filhos da terra comprometidos com as letras e as artes.

Em 28 de maio de 2001, com a posse dos ocupantes das quarenta cadeiras, foi inaugurada a Academia Pesqueirense de Letras e Artes, em solenidade realizada no então Hotel Acauã, com a presença de autoridades, pessoas da cultura pernambucana e demais convidadas. Inicialmente a APLA funcionou na mesma casa da Rua Dr. Lydio Parahyba, 161, e posteriormente, (ano

de 2007), foi sediada no prédio onde funcionou o escritório da antiga Fábrica Rosa, Pça. Comendador José Didier, 308, cedido em regime de comodato pela Prefeitura, onde permanece até hoje, e é mantido pelos atuais acadêmicos.

Durante essas duas décadas, a APLA vem cumprindo o objetivo para o qual foi fundada; fomentar cultura e não deixar cair no esquecimento a memória da cidade, da qual é guardiã. Seus membros assumiram o compromisso de manter viva a memória dos que outrora lutaram por isso, através da literatura e das artes. Desde a criação dessa renomada casa de cultura, o quadro de intelectuais vem se renovando a cada ano, em substituição aos que estão partindo e deixam um legado.

Presidentes desde a fundação:

José Airton Monteiro

Aluiz Tenório de Brito (in memoriam)

Leonides Oliveira Caraciolo (in memoriam)

Sebastião Gomes Fernandes (in memoriam)

Maria Lúcia Cordeiro de Meneses

José Geraldo Tenório de Santana

Maria da Conceição Alves de Lima.

Conceição Alves/presidente
Maio de 2026.



Gilvan Maciel

Liderança e Legado no Jubileu de 25 Anos

FÁBIO MENINO DE OLIVEIRA

A Academia Pesqueirense de Letras e Artes – APLA foi fundada em 17 de janeiro de 2001, na sede da União Brasileira de Escritores (UBE – Seção Pernambuco), em Recife, nascendo como uma homenagem ao 151º aniversário de seu patrono, o Cardeal Joaquim Arcoverde. Teve como acadêmicos fundadores: Adeilton Possidônio Tenório de Brito, Aluiz Tenório de Brito, Flávio Chaves, Djanira Silva, José Airton Monteiro e Leny Amorim Silva.

Sua instalação oficial em Pesqueira ocorreu no dia 26 de maio do mesmo ano, em solenidade de posse dos 40 acadêmicos, realizada no Hotel Acauã, com a presença de mais de mil convidados que estiveram prestigiando aquela festa, incluindo os prefeitos de Arcoverde, Belo Jardim, Sanharó, Poção e Pesqueira. Como missão principal da Academia está à promoção, a disseminação e o fomento da língua, das artes e da produção intelectual na Atenas do Sertão.

Feito o preâmbulo das origens da APLA, tratemos, pois, de uma figura proeminente que ingressou na instituição em 2008: trata-se de **Gilvan de Almeida Maciel**, cujo papel foi primordial no processo de organização da Academia. Antes de entrarmos em seus méritos, é importante apresentar alguns dados sobre sua infância, obras e vida profissional.

Em 5 de novembro de 1934, nasceu, em Pesqueira, um de seus filhos mais ilustres e destacados: Gilvan de Almeida Maciel. Poucos levaram tão a sério o amor pelo torrão natal como o filho de



José de Almeida Maciel e dona Florinda Antunes de Almeida. De seu pai, carinhosamente chamado de Seu Cazuzinha, herdou um compromisso que marcou toda a sua trajetória de vida: a valorização e a salvaguarda das raízes históricas e culturais de sua terra.

A herança familiar, somada à fertilidade intelectual, fez de Gilvan Maciel um aluno dedicado desde os tempos em que cursou o ensino primário no antigo Grupo Escolar Ruy Barbosa e o ensino secundário no Ginásio Cristo Rei. Deixando sua *Pesqueira*, ingressou no curso de Medicina Veterinária, em 1954, no Recife, o qual concluiu em 1957. Sem dúvidas, sua profissão serviu de alicerce para uma vida de dedicação, abnegação e disciplina.

Contudo, o foco destas linhas é tratar de Gilvan Maciel, o escritor e acadêmico que, após ganhar projeção por sua profissão, voltou-se a dedicar-se à sua terra como um dos maiores exemplos do pesqueirismo – sentimento de pertencimento, zelo e amor pelo rincão natal. Sua missão teve início com a reunião e organização da obra completa de seu pai, José de Almeida Maciel, compilando textos biográficos e garantindo a preservação de seu legado.

Desse trabalho abnegado nasceram três obras extraordinárias para a historiografia municipal, sem as quais seria muito difícil contar a história de *Pesqueira*: *Questões de Toponímia Municipal Pernambucana* (1984), *Livro da Criação da Vila de Cimbres, 1762–1867* (1985) e *Ruas de *Pesqueira** (1987). A produção desse pesquisador contumaz e metódico foi além, e, dentre os livros de sua autoria, destacam-se: *José de Almeida Maciel e Outros Perfis Pesqueirenses* (2002) e



Gilvan Maciel, grande intelectual

Crônicas da Pátria Pesqueirense (2008).

Em 2008, já consagrado nos meios acadêmicos e intelectuais como membro do Centro de Estudos de História Municipal (CEHM) e do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGP), Gilvan Maciel passou a dedicar-se à APLA. Dentre os principais pontos de sua atuação, podemos enumerar: (1) o diagnóstico da estrutura da Academia, com apontamento de problemas, a exemplo do excesso de cadeiras e de membros pouco vinculados à região; (2) a convocação de Assembleia Geral, por meio da qual liderou a iniciativa de reunir os acadêmicos para mudanças estruturais; (3) a proposta de reformulação do estatuto



e do regimento interno, visando à modernização normativa e ao fortalecimento da instituição, com maior flexibilidade administrativa; e (4) a valorização de projetos culturais, com incentivo a ações como a criação de biblioteca e arquivo.

Gilvan Maciel foi além como acadêmico: sendo exímio pesquisador, historiador de cepa e escritor metódico, tomou para si a tarefa de organizar a obra intitulada *Patronos da APLA* (2014), volume que reúne as biografias dos patronos da instituição, reforçando o papel desta na preservação da cultura

local.

Diante do exposto e em sinal de reconhecimento e respeito à memória, à liderança e ao legado desse grande pesqueirense, a APLA, por ocasião das celebrações do jubileu de 25 anos, em votação realizada na sessão plenária de 12 de março de 2026, decidiu adotar um cognome, passando a chamar-se **Academia Pesqueirense de Letras e Artes – Casa Gilvan de Almeida Maciel**.

Por fim, parabenizamos a APLA por seu jubileu de prata, assim como prestamos reverência à brilhante iniciativa de salvaguardar a história de Gilvan de Almeida Maciel, tendo-o como nome desta instituição guardiã das letras e das artes da Atenas do Sertão. Acreditamos que as ideias e o pensamento de um homem não morrem com ele, permanecendo como seu legado para a posteridade – e foi isso que aconteceu com o mestre, cujas memórias devem ser lembradas e celebradas por todos aqueles que amam e desejam ver *Pesqueira* sempre conduzida às alturas.

Dia das

Mães

25
Anos
JUBILEU DE PRATA

JORNAL DA
Apila

MÃE

CARLOS GALINDO

*Antes que meus olhos
aprendessem o mundo,
eu já existia em ti.*

*Nove meses
ouvindo teu coração
e o rumor da vida
pulsando junto ao meu.*

*Teus risos me
alcançavam leves.
Tuas tristezas também.*

*E quando tuas mãos
afagavam a barriga,
algo em mim estremecia —
como se o amor,
antes das palavras,
já soubesse quem eu era.*

***Depois,
a luz.***

***E teu primeiro abraço...
Ah, teu primeiro abraço.***

***Eu mal podia ver-te,
mas já te reconhecia inteira:
o calor,
o abrigo,
o coração
onde eu vivera primeiro.***

***Hoje,
no Dia das Mães,
todas as flores do mundo
ainda me parecem poucas.***

***Porque antes do meu primeiro olhar,
antes do meu primeiro nome,
antes mesmo da minha voz,***

***o que há de mais profundo em mim
sempre foi teu.***





1996: Há 30 anos Flávio J Jardim iniciava como Correspondente JC

Milhares de reportagens em 8 anos

Santa águeda



CENTENÁRIA — A renda da festa será revertida para as obras de reforma na Catedral, que tem 107 anos de fundação

Festa completa 143 anos homenageando padroeira

Flávio Jardim Correspondente

PESQUEIRA À A tradicional Festa de Santa Águeda, que se realiza há 143 anos em homenagem à padroeira do município, começa hoje, com programação religiosa, e vai se estender até o dia 5 de fevereiro. Várias atrações já foram confirmadas para animar a parte profana da festa, que todos os anos reúne centenas de moradores e turistas na Praça Dom José Lopes, no centro de Pesqueira.

Segundo o presidente da comissão de festa, João Eudes Tenório, as principais atrações serão a Orquestra Super Oara, Moacyr Franco, Sandro Becker, o pesqueirense Paulo Diniz, Balé Popular do Recife, Conjunto Pernambucano de Choro e Novinho da Paraíba.

Um paleo foi montado na praça, além de barracas para venda de comidas e bebidas

típicas e parque de diversões. Toda a renda da festa será revertida às obras da Catedral de Santa Águeda, fundada em 1889.

A programação religiosa inclui a realização de missas e alvoradas festivas, tendo como ponto alto a procissão que, no dia 5, arrasta centenas de fiéis pelas principais ruas da cidade, finalizando com missa solene celebrada pelos bispos dom Bernardino Marchão, de Pesqueira, e dom Antônio Costa, de Canuaru.

PERU - Há 43 anos um prato especial é preparado para ser arrematado no leilão principal da festa: trata-se do Eperu de dona Marietta Pitta. Com sua morte em agosto, do ano passado, a velha tradição estava correndo o risco de não fazer mais parte das festividades. A quantia do arremate final do leilão é destinada às obras de reparo da Matriz de Santa Águeda. Segundo os moradores, o peru chega à alcançar o valor de um boi.

Índio briga pelo poder na Funai



ABASTECIMENTO - A situação precária do abastecimento de água no Agreste foi responsável pela criação nesta cidade do Movimento Popular em Defesa da Água Regional, integrado por...



Em 1993, o então jovem jornalista Flávio J Jardim dava seus primeiros passos no ofício que marcaria sua trajetória no jornalismo pernambucano ao ingressar como correspondente regional do tradicional Jornal do Commercio. Sua estreia não poderia ser mais simbólica: a cobertura da festa da padroeira de Pesqueira, Santa Águeda, que naquele ano celebrava 143 anos de fé, tradição e devoção popular, um cenário onde a cultura do interior se revelava em sua forma mais viva e pulsante.

A partir desse marco inicial, consolidou-se uma jornada de aproximadamente oito anos como correspondente do JC, período em que Flávio atravessou estradas de barro, cidades serranas e sertanejas, registrando a realidade de municípios como Arcoverde, Sertânia, Belo Jardim, Pesqueira, Poção, Sanharó e Alagoinha, além de seus distritos e comunidades rurais. Era um trabalho de presença constante, quase artesanal, em que cada pauta exigia deslocamento, escuta e observação atenta do cotidiano.

Nesse percurso, sua atuação se destacou pela pluralidade editorial: do esporte à economia, da política às questões sociais mais sensíveis. Entre as pautas de maior profundidade estavam as reportagens sobre o povo indígena Xukuru, a complexa dinâmica política regional e os bastidores administrativos envolvendo a atuação da FUNAI em Arcoverde, revelando tensões, disputas e transformações que marcavam o período.

Flávio também acompanhou

episódios de grande impacto regional, como a eleição do primeiro vereador indígena de Pesqueira, Antônio Pereira, além de crises empresariais e institucionais, como o fechamento da tradicional Peixe e os embates pela substituição de dirigentes locais da FUNAI.

Cobriu ainda o fim da aliança política entre PFL e PMDB no município, que culminou na eleição de Evandro Chacon, bem como a repercussão da crise nas Casas José Araújo e os movimentos culturais do carnaval, incluindo o bloco da Velha Guarda e o emblemático Carnaval dos Caiporas.

Entre as reportagens mais marcantes de sua carreira naquele período, destaca-se a cobertura da morte do historiador e jornalista Potiguar Matos, episódio que reverberou intensamente em Pesqueira e região, ganhando espaço de destaque no Jornal do Comercio. A abordagem firme e sensível da notícia consolidou sua reputação como um repórter atento às nuances humanas por trás dos fatos, especialmente em momentos de grande comoção coletiva.

Em maio de 1998, Flávio assinou uma matéria de maior repercussão de sua trajetória, quando a execução do cacique Xicão ganhou projeção internacional, sendo

destaque de capa no Jornal do Comercio e repercutindo em diversos veículos de comunicação ao redor do mundo. Hoje, todo esse acervo de milhares de reportagens se encontra em fase de organização para

um e-book e um futuro livro-arquivo digital, destinado a preservar a memória jornalística de uma época e de uma região que ele ajudou a narrar com intensidade, rigor e permanência.

Luto

Potiguar é enterrado em Pesqueira

Representantes de diversos órgãos do Estado enviaram telegramas de solidariedade e coroas de flores. O enterro também foi acompanhado por ex-alunos de Potiguar e pelo prefeito Evandro Maciel Chacon, que lamentou a morte do historiador. "Foi uma perda inestimável", disse.

pesqueirenses prestaram homenagens a ele durante o cortejo. O engenheiro agrônomo Nivaldo Burgos, que estava bastante emocionado, fez um relato sobre a trajetória profissional de Potiguar Matos em Pesqueira e no Recife e falou sobre a amizade que mantinham há vários anos.

Matos. O enterro aconteceu às 10h30 no Cemitério Cristo Rei, nesta cidade, depois de o corpo ter sido velado por toda noite no Hospital Lídio Parafba. Poti, como era chamado na cidade, faleceu segunda-feira à noite, no Recife, de parada cardíaca. Muitos amigos do historiador

Folia começa com o Baile dos Estandartes

Confederação de fantasias, camisas e bonês, além do pagamento do carro de som que vai acompanhar cada bloco em seu dia de desfile. Um arrastão será feito com a Orquestra de Favela Municipal e todas as atrações da Praça Dom José Lopes até o Sesi, e lá um a banda comandada por Estandartes, que contará também com desfile mima. Cada apresentação deve apresentar sua cartolina para concorrer ao título de Rainha do Carnaval de Pesqueira, desfilarão com o estandarte, com grapa e desenvolvimento, terá fandanças para eleição da rainha. O estandarte mais criativo também recebe premiação. O baile foi uma alternativa encontrada pela prefeitura e os blocos para realizar a festa do Carnaval e conseguir dinheiro para compra de materiais para o desfile.

APÓIO — O Sesi Pesqueira decidiu apoiar a festa cedendo gratuitamente o espaço e a contratação da banda. Segundo a coordenadora do Sesi, Lourdes Peixoto, esse apoio é o início das comemorações de 50 anos do Sesi no Brasil e 45 anos de implantação do Sesi em Pesqueira. "Temos ao longo de uma vasta programação como ciclismo, futebol e ações comunitárias de saúde", informa Lourdes. A festa promete ser animada.

Pesqueira é cenário para grandes produções

Segundo o diretor de programação da TV Globo, Jota Raposo, a zona rural de Pesqueira é ideal para o lançamento de uma programação principalmente sobre o campo e história regional.

JUSTIÇA — As eleições de 2014 em Pesqueira também enfrentaram dificuldades com fiscal não muito feliz. Alguns figurantes estavam com uma...

Peixe vive a sua pior crise

PEQUEIRA — A fábrica Peixe, situada neste município e controlada pela indústria alemã, passa por sua pior crise. Demitida recentemente 250 funcionários, desativou farramentas, vendeu propriedades e um pequeno bovino de 100 cabeças, extinguindo vários departamentos. De acordo com o diretor industrial da empresa, José Neves, restam apenas 62 empregados, pois a produção dos derivados do tomate e milho-doce (frituras culturais beneficiadas na Peixe atualmente), requer pouca mão-de-obra. Até a tradicional Goiabada Peixe deturpada de ser fabricada em Pesqueira. Mesmo com enorme dificuldade, a empresa amonesta o pagamento das recibos contratuais

Velha guarda traz saudades

Clube resgata antigos bailes

FERRIQUES — Enquanto a maioria das cidades de região se esforça em trazer ritos étnicos, esta cidade de Zona da Mata, apresenta na sociedade e resgata o baile à fantasia. O Clube Municipal esteve iniciado durante os quatro dias de Carnaval e o baile foi tocado por uma orquestra de música, tal qual os bailes de antigamente, para alegrar dois mil visitantes e desfilou dois jovens e perfurou invenção também a blocos tradicionais como cabanos e as novas criações, por influência da renovação animada

PFL e PMDB desfazem aliança em Pesqueira

Flávio Jardim

Campanha eleitoral divide coligação que venceu eleição em 92

PEQUEIRA — A disputa política neste município, aliado no Vale do Itapicuru, a 210 e 215 metros de altitude, visando disputar a sucessão política em Pesqueira modificada ao tratamento em decorrência da articulação para a sucessão, o PMDB encorajou os cargos constitucionais por dentro ou atual administração. A decisão provocou o tráfego de coligação PMDB-PFL, que em 1992 elegeu o prefeito Evandro Maciel Chacon (PFL). Os ex-

partes dos cargos constitucionais estão apoiando a chapa. Intraparado pelo Baile.

Estados em Roma não aliado menor contingente em apoiar Itapicuru, só pelo fato de ser uma área estratégica, destaca o presidente do PMDB local, Geraldo Leites.

Os políticos, no entanto, estão mais preocupados quando o assunto é sucessão, segundo o presidente do partido no município, Cassio Chacon, o partido prefer esperar

Troças querem receber prêmio

Flávio Jardim

BUIQUE — A Praça Major Pantoja, principal largo desta cidade, será o principal palco dos desfiles das agremiações carnavalescas que este ano vão concorrer ao prêmio de melhor bloco da cidade. Turma do Trator, Império de São José são as principais troças que desfilarão na "Terra do Sal", como o município é mais conhecido.

Banho de chuveiro, com bicás espalhadas pelas ruas, distribuições de batidas de diversos sabores e vinhos são os principais destaques da folia de rua em Buíque. A Banda Laura, do Recife, vai animar os três dias de Carnaval. Outras atrações musicais também fazem a festa por toda cidade, inclusive nos distritos de Carneiro e Ourimbá. "Estamos

Morre historiador e jornalista Potiguar Matos

Falecimento

professor, historiador, escritor e jornalista Potiguar Matos, que morreu segunda-feira à noite de parada cardíaca, será sepultado hoje, às 9h, no cemitério de Pesqueira, sua terra natal. Na manhã de ontem, o corpo foi velado na Academia Pernambucana de Letras (APL), da qual fazia parte. Ao meio-dia foi trasladado para Pesqueira. Ele tinha 74 anos e dirigia o Arquivo Público Estadual.

O presidente em exercício do Brasil, Marco Maciel, condecorou com o falecimento de Potiguar Matos, disse que o Brasil tem um dos seus maiores heróis. "Fui seu aluno no curso de História em Recife, onde recebi muitas lições como muitas das nossas per-

nambucanas virtudes", afirmou. O professor da UFPE José Luiz da Mota Menezes confessou que o seu interesse pela história foi despertado pela notável qualidade de Potiguar Matos como historiador. Já o escritor e acadêmico Amílcar Dória Matos reconheceu que dificilmente a APL teria outro acadêmico tão atencioso, brilhante, participante e idealista. Licenciado em Geo-História pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, Potiguar Matos lecionou história em vários colégios e faculdades do Recife. Foi coordenador do Departamento de História da UFPE, professor-fundador da Faculdade de Formação de Professores da Feap, reitor e vice-reitor da Unicap.

O sol se pondo, fugiu
Quando irmã lua chegou
Um arco-íris luziu
E a tempestade arribou

A seca cresta a terra
O vento afaça a colina
A cepa que brotou na serra
Fez-se formosa menina

Cheirando a flor de Chanana
Na face um leve rubor
Ela floriu a savana
Sem disfarçar sua dor

Nos olhos a tristeza aflora
Na alma, a dócil ilusão
De um imenso amor de outrora
Só ficou recordação

Na pele, um bronze e a textura
Na cor de ardente verão
Num trevo de amargura
Súplica e dons do perdão

Bela e prendada donzela
Tez perfumosa e trigueira
Morena, cravo-canela
Anjo alado ou feiticeira?

No terno olhar compassivo
Oculto o sonho e a paixão
No peito enternecido
Transita vil solidão


Nos cabelos, uma rosa
Vermelha, tom de carmim
Boca fagueira e cremosa
No olhar que deságua em mim

Menina-moça me cura
Me faz teu prisioneiro
No jeito ledo e a candura
Luze um fulgor "fascineiro"

Da vida perdi o encanto
Assim que te conheci
Do lamento a um triste pranto
Eu já deixei de existir

Flor de Chanana

JOÃO CAPRI

 11/03/26 





FLÁVIO J JARDIM

No coração do Agreste pernambucano, os anos entre 1993 e 1996 marcaram o surgimento de uma verdadeira constelação da comunicação em Pesqueira. Em meio às transformações políticas e sociais da época, uma equipe formada por jornalistas, locutores, revisores, fotógrafos e técnicos de som passou a escrever um capítulo inesquecível da história da imprensa local. Não era apenas um departamento de comunicação institucional. Era uma redação pulsante, criativa e repleta de talentos raros, daqueles que transformavam informação em emoção e notícia em memória coletiva.

Foi naquele cenário que o jovem jornalista Flávio J Jardim, então com apenas 23 anos, recebeu o convite para integrar a equipe de imprensa da Prefeitura de Pesqueira. Ao atravessar as portas da comunicação oficial do município, encontrou nomes que já eram reverenciados como gigantes do rádio, da escrita e da linguagem. O ambiente parecia uma academia de mestres, onde cada profissional carregava experiência, personalidade e uma profunda paixão pelo ofício de comunicar.



O 'Dream team' da comunicação de Pesqueira

Gera Santana, Paulo Júnior, Luiz Kubitschek, Arnóbio Marques, Flávio J Jardim, João Maciel (fotógrafo) e Martins da LokSon. A República da Comunicação: a lendária equipe que transformou a imprensa oficial de Pesqueira em referência de talento e criatividade



Entre os grandes nomes estava Gera Santana, voz grave, reconhecido pela visão moderna e pela impressionante capacidade de produzir conteúdo audiovisual em uma época em que a tecnologia ainda era limitada no interior. Inteligente, criativo e inquieto, ele imprimia dinamismo às produções em vídeo e ajudava a elevar o padrão técnico da comunicação municipal, transformando cada cobertura em um espetáculo de narrativa visual.

Na mesma engrenagem brilhava Paulo Júnior, dono de uma voz marcante e de uma habilidade singular para editoriais e narrações. Sua presença no rádio carregava credibilidade, firmeza e emoção. Era daqueles comunicadores que não apenas liam textos, mas interpretavam sentimentos coletivos. Seus comentários se transformavam em referência e davam identidade ao trabalho da equipe.

Outro nome reverenciado era Arnóbio Marques, considerado por muitos uma verdadeira enciclopédia ambulante da língua portuguesa. Refinado, culto e extremamente rigoroso com a palavra escrita, ele desempenhava o papel de copydesk com maestria, revisando textos, lapidando frases e garantindo excelência em cada publicação. Sua voz grave, elegante e imponente rendia comparações à tradicional BBC de Londres, especialmente nas entrevistas e produções especiais.

Ao lado desses mestres estava Luiz Kubitschek, figura emblemática da locução popular e da animação dos grandes eventos públicos da cidade. Com carisma contagiante e domínio absoluto do microfone, ele conduzia solenidades cívicas, desfiles de Sete de Setembro e comemorações do aniversário de Pesqueira com brilho raro. Sua presença transformava eventos oficiais em grandes encontros emocionais da população.

Enquanto isso, Flávio J Jardim assumia a missão de fortalecer o jornal impresso da prefeitura, imprimindo dinamismo, linguagem

***No início da década de 1990,
um grupo de profissionais
extraordinários reuniu
inteligência, carisma, técnica
e paixão pelo jornalismo
para construir uma das
experiências mais marcantes
da comunicação pública
no interior de Pernambuco.***

moderna e compromisso jornalístico às publicações. Mesmo jovem, demonstrava ousadia, sensibilidade e uma escrita vibrante, ajudando a construir uma comunicação próxima do povo e conectada com os acontecimentos da cidade.

A equipe ainda contava com o talento indispensável do fotógrafo João Maciel, profissional que eternizava momentos históricos através das lentes. Seu olhar sensível transformava cenas cotidianas em registros simbólicos da vida pública de Pesqueira. Cada fotografia carregava narrativa própria e ajudava a contar a evolução do município. Nos bastidores, garantindo qualidade técnica e perfeição sonora, estava Martins, especialista em áudio e um dos pilares silenciosos daquela engrenagem de excelência. Seu domínio sobre o som dava vida aos programas de rádio, eventos e gravações, assegurando profissionalismo em todas as transmissões.

Juntos, aqueles profissionais formaram uma verdadeira seleção de ouro da imprensa pesqueira. A combinação de inteligência, talento e espírito coletivo criou um modelo de comunicação

admirado até mesmo por adversários políticos. Não eram raros os comentários bem-humorados de populares que diziam que qualquer governo parecia melhor graças à qualidade extraordinária daquela equipe de imprensa.

O grupo ultrapassava os limites da comunicação institucional. Produzia programas de rádio, jornais impressos, coberturas de eventos, entrevistas especiais e conteúdos que aproximavam o poder público da população. Havia ali uma compreensão rara sobre o papel social da informação: comunicar era também construir cidadania, fortalecer identidade e valorizar a cultura local.

Mais do que colegas de trabalho, aqueles profissionais formavam uma irmandade intelectual. A convivência diária entre tantos talentos criava debates intensos, trocas de experiência e um ambiente de aprendizado contínuo. Cada pauta era discutida com profundidade; cada texto recebia atenção minuciosa; cada transmissão carregava o desejo genuíno de alcançar excelência.

Décadas depois, a memória daquela equipe permanece viva no imaginário de Pesqueira como símbolo de um tempo em que o jornalismo local floresceu com grandeza, sofisticação e compromisso. Era uma época em que o rádio emocionava, o texto informava com elegância e a comunicação pública tinha rosto humano, talento e credibilidade.

A história daquele grupo lendário continua sendo lembrada como uma das mais brilhantes experiências da imprensa do interior pernambucano. Uma geração de profissionais que honrou a comunicação com talento, ética e paixão, deixando um legado que ultrapassa o tempo e segue inspirando jornalistas, radialistas e comunicadores de toda a região.





Um Agradável Passeio pela APLA, com Juza

Visita guiada à APLA - Jubileu de Prata



Ju Gomes



Sejam todos muito bem-vindos à Academia Pesqueirense de Letras e Artes — APLA, casa da cultura, da memória e da sensibilidade artística de nossa querida Pesqueira, a eterna Atenas do Sertão.

Neste Jubileu de Prata, celebramos vinte e cinco anos de história, dedicação e amor às letras, às artes e à preservação da nossa identidade cultural.

Convidamos vocês a fazer conosco um passeio por este espaço tão significativo.

Nossa visita tem início pelo Salão Nobre Comendador José Didier, ambiente que homenageia uma personalidade de grande



José Airton dos Santos Monteiro

Maria da Conceição Alves de Lima, Cadeira Número 22



1º Presidente Airton, e atual Presidente, Conceição

relevância para a história local, símbolo de empreendedorismo, visão e contribuição ao desenvolvimento de nossa terra.

Neste espaço, sentimos a presença da história em cada detalhe, em cada lembrança preservada.

Seguindo nosso percurso,

chegamos à Galeria dos Patronos, um ambiente de reverência e memória, onde se encontra uma bela coleção de fotografias artisticamente emolduradas, homenageando personalidades que inspiram a trajetória da Academia.

Ao centro, destaca-se com orgulho o brasão da APLA, símbolo maior da nossa instituição, representando sua missão de cultivar o conhecimento, a arte e a cultura.

Adiante, encontramos a Galeria dos Presidentes, espaço dedicado àqueles que, com compromisso e amor à cultura, conduziram esta Academia ao longo de sua trajetória:

José Ayrton Monteiro;

Aluiz Tenório de Brito;

Leonides Oliveira Caraciolo;

Sebastião Gomes Fernandes;

Maria Lúcia Cordeiro de Menezes;

José Geraldo Tenório de Santana;

Maria da Conceição Alves de Lima.

Cada nome aqui registrado representa uma página importante da nossa história, construída com dedicação, sensibilidade e espírito





acadêmico.

E, para concluir nossa visita, chegamos a um dos espaços mais preciosos desta Casa de Cultura: a Biblioteca Severino Melo.

Mais que um ambiente de livros, este espaço representa memória, conhecimento e inspiração, preservando o legado de um homem cuja trajetória se confunde com a própria história de Pesqueira.

Severino Melo foi um comerciante respeitado, cidadão admirado e figura política atuante em nossa cidade, exercendo o mandato de vereador

entre 1951 e 1955.

Homem de reconhecida atuação social, deixou marcas pelo compromisso com sua terra e pelo respeito conquistado junto à sociedade pesqueiraense.

Casado com Carminha Freitas, que mais tarde entraria para a história como a primeira mulher prefeita de Pesqueira, construiu uma bela história familiar e humana, tornando seu nome digno desta justa homenagem.

A Biblioteca que leva seu nome simboliza o encontro entre passado e

futuro — um espaço onde a memória é preservada e o conhecimento continua a florescer para as novas gerações.

Assim, a Academia Pesqueirense de Letras e Artes, ao celebrar seu Jubileu de Prata, reafirma sua missão de guardar histórias, cultivar saberes e manter viva a alma cultural de Pesqueira, nossa eterna Atenas do Sertão.

Mais que paredes e fotografias,

esta Academia abriga sonhos, ideias, talento e o compromisso permanente com a cultura pesqueiraense.

Celebrar seus vinte e cinco anos é celebrar a força da memória, a permanência da arte e a beleza da palavra.

Parabéns, APLA! Que venham novos capítulos de inspiração, cultura e grandeza.



SEM MAIS NEM MENOS

Nem todo bem é o melhor
Nem todo grande, o maior
Nem todo pior é mal

Nem toda farinha é seca
Nem toda bolsa é maleta
Nem todo simples, banal

Nem toda brasa é fogo
Nem todo zerado é novo
Nem todo choro é de dor

Nem todo leso é louco
Nem todo pequeno é pouco
Nem todo querer, amor

Nem todo conto é história
Nem todo ganho é vitória
Nem todo falso é mentira

Nem todo toco é graveto
Nem todo ferro é espeto
Nem toda raiva é ira

Nem toda lata é flandre
Nem todo
maior é
grande
Nem todo
sarado é são

Nem todo deus tem poder
Nem todo afeto é querer
Nem toda reza oração

Nem toda cana é cachaça
Nem todo feio é sem graça
Nem toda porta é passagem

Nem toda dor é doença
Nem toda verdade é crença
Nem toda mala é bagagem

Nem tudo exato é verdade
Nem toda mágoa é saudade
Nem todo lamento é choro

Nem todo rápido é ligeiro
Nem todo lucro é dinheiro
Nem tudo que brilha é ouro

Nem todo erro é pecado
Nem toda dívida é fiado
Nem todo ruído é som

Segredo
não é fuxico
Fofoca
não é escrito
Beleza nunca
foi Dom



Facetas do Amor III

MARGARIDA MACIEL

*Amor!
Silencioso te instalas e foges fulgas
com ou sem consentimento*

*és sim e não.
Céu sereno, torpor, consumissão.
Forte como vendaval,
frágil como a flor do campo.
Te revelas, te escondes*

*brincas, tens manias
arquitetas planos mil
és saudável e febril
és rosa de flor, roxo de luto*

*verde onde se espera
azul de céu e mar.
És vermelho correndo em sangue
és preto de dor...
branco de luz.
me fazes pisar em estrelas
bailar nas fases da lua.
me arrastas, na lama
me afogas em areias e pântanos
Te perco, te encontro*

*num vai e vem indefinido,
indecifrável
de beijos e escarros.*



Gaiola Dourada

MARGARIDA MACIEL

Eu era livre e leve
como a brisa
Mas nessa liberdade
vivia atormentada.
Procurava uma gaiola
dourada
Que me fizesse do amor
aprisionada

Então, ao ver-me
finalmente presa
Neste cativeiro de
sonhos, agora sigo
Com saudade das
antigas revoadas
Das asas abertas sem
procurar abrigo.



Túnel Esperança

MARGARIDA MACIEL

Entrei no tunel
estreito, vazio, escuro
arregalando os olhos.
Caminhei apalpando seus
lados,
pelo breu cercada
Tateando...
Busco atingir a meta
nesta passagem
indecifrável
de loucos horizontes
na incessante busca
do final
da luz.
Carrego em mim
a chama da espera
que de tanto esperar
chama-se Esperança.

Pesqueira, 146 anos: entre apitos, silêncios e graças

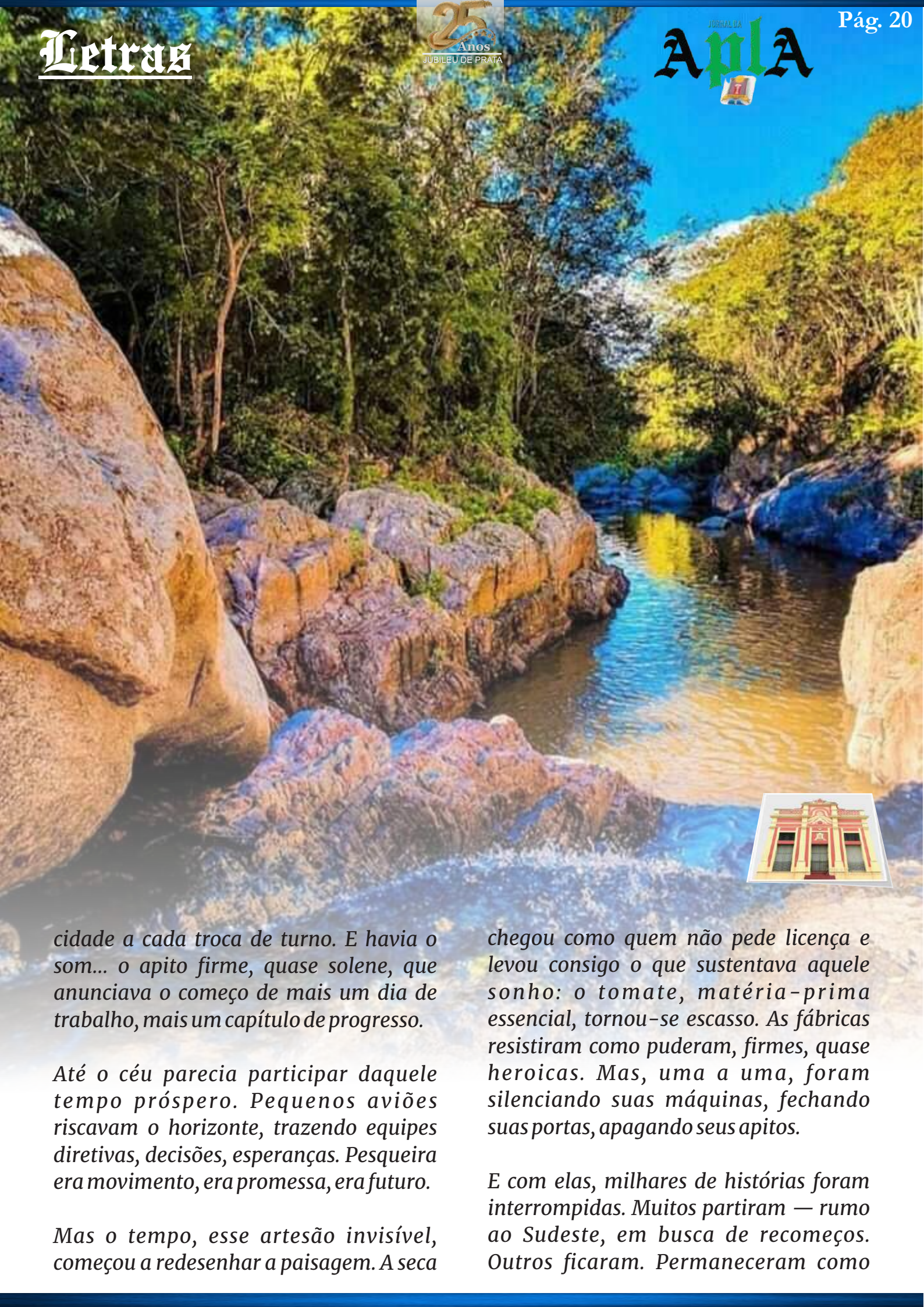
GALBA MACÊDO

Pesqueira fez 146 anos no último 20 de abril. E quem a conhece de perto sabe que não se trata apenas de contar o tempo, mas de sentir as camadas de vida que se acumulam em suas ruas, nas memórias e nos silêncios que ficaram.

Houve um tempo — e como houve — em que a cidade pulsava em ritmo acelerado. As fábricas de suco e doces eram o coração que bombeava vida para cada canto. Caminhões chegavam carregados de matéria-prima, vindos dos plantios que pareciam não ter fim.

As calçadas se enchiam de gente, homens e mulheres que marcavam o compasso da





cidade a cada troca de turno. E havia o som... o apito firme, quase solene, que anunciava o começo de mais um dia de trabalho, mais um capítulo de progresso.

Até o céu parecia participar daquele tempo próspero. Pequenos aviões riscavam o horizonte, trazendo equipes diretivas, decisões, esperanças. Pesca era movimento, era promessa, era futuro.

Mas o tempo, esse artesão invisível, começou a redesenhar a paisagem. A seca

chegou como quem não pede licença e levou consigo o que sustentava aquele sonho: o tomate, matéria-prima essencial, tornou-se escasso. As fábricas resistiram como puderam, firmes, quase heroicas. Mas, uma a uma, foram silenciando suas máquinas, fechando suas portas, apagando seus apitos.

E com elas, milhares de histórias foram interrompidas. Muitos partiram — rumo ao Sudeste, em busca de recomeços. Outros ficaram. Permaneceram como

quem guarda uma esperança teimosa, como se, a qualquer instante, o velho apito pudesse soar novamente e tudo voltasse a ser como antes.

Mas Pesqueira nunca foi feita apenas de indústria.

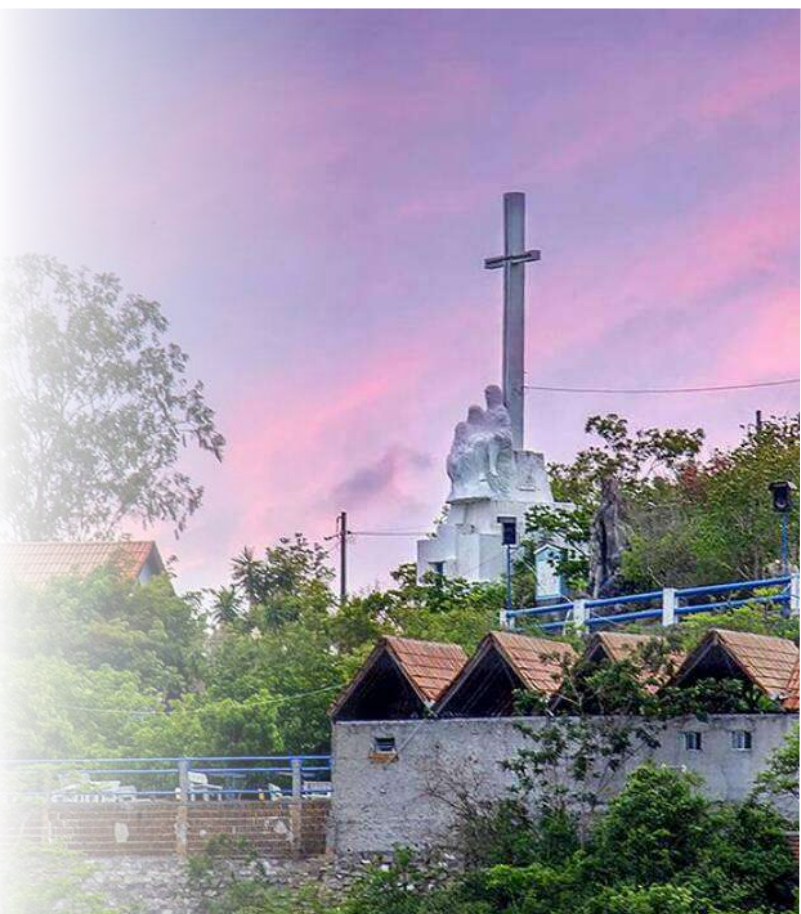
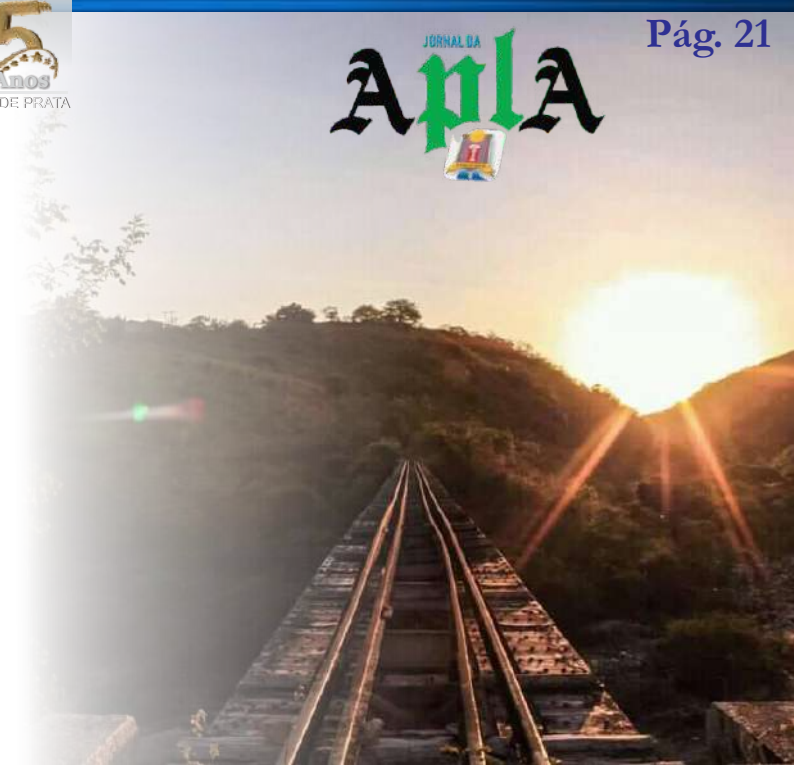
Há uma força mais sutil, mais profunda, que atravessa sua história. Em um tempo em que poucos sabiam, por volta de 1936, um acontecimento silencioso plantou outra forma de riqueza: a fé. A aparição de Nossa Senhora das Graças, em um de seus distritos, tornou-se um marco que, com o passar dos anos, foi sendo compreendido não como acaso, mas como presença.

Hoje, Pesqueira já não vive os seus dias áureos industriais. As fábricas ficaram na memória, como fotografias guardadas com carinho e saudade. Mas a cidade resiste — e resiste com identidade. A renda renasce, delicada e paciente, segue tecendo não apenas fios, mas histórias, mantendo vivo um nome que ainda ecoa além de suas serras.

Pesqueira não é apenas o que perdeu. É também o que permaneceu.

Entre apitos que já não soam e silêncios que contam histórias, há uma cidade que segue em frente, sustentada pela memória, pela fé e pela arte. Talvez o progresso tenha mudado de forma. Talvez ele já não chegue em caminhões ou aviões. Mas ele ainda existe — discreto, resiliente — nos gestos de quem ficou e continua acreditando.

E assim, aos 146 anos, Pesqueira segue. Não mais como antes, mas ainda inteira. Ainda viva. Ainda cheia de graça.



AINDA

NANOCONTO

ELEVAÇÃO

Bombas lá fora. A mãe nina.

Gui Marães

GUI MARÃES

Ao celebrarmos os 25 anos de história da nossa Academia Pesqueirense de Letras e Artes, ponho-me a refletir sobre o ofício que nos une: a carpintaria do invisível. Escrever sempre foi o ato de esculpir o silêncio, mas, na urgência dos nossos dias, a literatura encontrou uma forma de atingir o absoluto através do mínimo. Falo do nanoconto.

O nanoconto não é o resumo de uma história; é a história em si, capturada em um fóton narrativo. Nele, cada palavra é um componente estrutural indispensável, uma peça de precisão que não admite gorduras gramaticais. É a aplicação radical da "Teoria do Iceberg" de Hemingway: o que se lê é apenas a ponta visível de um oitavo; a dignidade do movimento reside nos sete oitavos que permanecem submersos, entregues à sensibilidade de quem lê.

Nesta brevidade ríspida, o título não é um rótulo, mas um farol.

Ele situa o caminhante, permitindo que o corpo do texto se liberte de explicações para focar apenas na imagem poética — no que chamo de "Cristal-Vivo". É um golpe único, um nocaute literário que, seguindo a lição de Isaac Babel, deve terminar com um ponto final que caia como uma punhalada sobre o coração do leitor.



Eis cinco nanocontos, oferecidos à nossa APLA como prova de que a imensidão cabe, sim, no palmo de uma linha:

PONTO FINAL

No cais, um sapato. O mar calçava o outro.



DEFESA

— Bala perdida?
— Não, de família.



CARTOMANTE

Destino intacto. O corte foi na linha do passado.



MANDACARU

Sol vertical: sombra miúda perfurou o barro.



EXÍLIO

Tateou o vácuo; nele, vestiu a lembrança.



Que estes textos não sejam apenas lidos, mas habitados. No nanoconto, o autor mantém a boca fechada para que o leitor possa, enfim, falar.

Parabéns à nossa Casa pelos seus 25 anos de luz e resistência.

Gui Marães

Membro da Academia Pesqueirense de Letras e Artes — APLA



**FRANCISCO
AQUINO**

Brotou Cultura na Cidade

Na acolhedora cidade de Pesqueira, conhecida como a Atenas do Sertão, a cultura floresce com força e identidade.

Prova viva disso é a Academia Pesqueirense de Letras e Artes (APLA), criada para preservar, valorizar e difundir a rica tradição cultural e intelectual do município.

Formada por quarenta acadêmicos — entre escritores, professores, dramaturgos, artistas plásticos, músicos, jornalistas e radialistas — a APLA se consolida como guardiã da memória e do patrimônio cultural da cidade.

Uma Cidade que Inspira

Pesqueira tem longa e respeitável trajetória no cenário cultural de Pernambuco. Sua história foi bem retratada por autênticos filhos da terra, que deixaram nos anais do estado um legado literário e artístico riquíssimo.

Jornais como Nova Era, Era Nova, Gazeta, Pesqueira Notícias e Marreta, além das revistas O Poder e a da própria APLA, testemunham o vigor intelectual da cidade.

Com destaque também para sua infraestrutura cultural e urbana, Pesqueira tem dois castelos — um no centro Castelo dos Torres e outro no Distrito de Ipanema - o Santa Helena, o extinto Jôquei Clube no Prado. Já teve cinemas (Recreio e Moderno), o tradicional bonde, clubes sociais como o Clube dos 50, União e Cica Norte, Radicais e uma vida esportiva ativa com times como União, Comercial, Motorista, Independente e atualmente só PFC, festas, Folguedos e Tradições.

As manifestações culturais populares seguem vivas. O São João da cidade é famoso por suas brincadeiras lúdicas, como pau de sebo, quebra-panela, corrida no saco e a tradicional quadrilha matuta. Destaque para o “Casamento Matuto de Minervino Osório”, com mais de 50 anos de existência.

O Carnaval também deixa sua marca, com escolas de samba como Labariri, Pitanguara, Águia de Ouro, Gigantes do Samba, blocos como Lira da



Tarde, Dois de Ouro, Peixe na Vara, Meninos de Lulu, Amantes da Lua, Bloco da Ilusões, Paixão Coral, Turma da Velha Guarda entre outros.

As festas religiosas não ficam atrás: Santa Águeda, São Sebastião e Imaculada Conceição movimentam a cidade com barracas, shows, parques e a tradicional arrematação do "Peru de Dona Marieta Pita".

O Presente Vivo da Cultura:

Hoje, Pesqueira vive um novo fôlego cultural graças a iniciativas de diversos segmentos artísticos. O Movimento Ziriguidum Art Circus, liderado por Joaquim Souto Filho, voltado à pesquisa e resgate da cultura popular, e o GADS de Gera Santana, Teatro e Coral Nelson Valença, Teatro S. Francisco, Teatro Oliveira, Novos Talentos com atuação marcante nas artes cênicas, fizeram história.

Outros projetos atuais como Cordel nas Escolas, Projeto Ler Bem, Arrasta Cultura, Projeto São Tarcísio, Sementes do Amanhã, além de instituições como Lions, Rotary e a Obra de Maria, mantêm viva a chama do fazer cultural.

A cidade ainda conta com museus (das Máquinas, Luiz Neves e o desativado Museu de Arte Sacra), Biblioteca Municipal Luiz Neves, rádios ativas (Rádio Jornal FM, Uruba FM, Nova

Líder, Pesqueira FM), TV local, grupos de teatro, bandas de pifanos, coco de roda, Cambindas, Caiporas e Cangaceiros.

APLA: Guardiã e Propagadora:

A APLA é mais que uma instituição: é um símbolo da continuidade e renovação cultural pesqueirense. Por meio de palestras, debates, oficinas literárias, mesas-redondas, lançamentos de livros e revistas, além dos jornais Voz da Academia (virtual) e Conexão APLA, a entidade estimula a produção e difusão cultural local.

Sua atuação se estende às mídias sociais, blogs, rádios e produções literárias, promovendo o orgulho de ser pesqueirense e o respeito à memória coletiva.

Conclusão

A cultura em Pesqueira não apenas resiste — ela se reinventa, se multiplica e se afirma com cada iniciativa, cada projeto e cada voz que se junta a esse coro de amor à arte e à história. É nesse cenário fértil que brotou cultura na cidade — e continua a florescer, com raízes profundas e frutos generosos.



O HOMEM NA PAISAGEM

Em um Dezembro bastante distante

Fiz o que eu pude para chegar até aqui. O caminho não é apenas enconcho, mas, igualmente dolorido e apresenta deliberados labirintos pra complicar a vida desse pobre homem.

Fiz o que pude para chegar até aqui, por isso, concedo-me o prêmio do reconhecimento pelo esforço.

Quem faz o melhor que pode, já conseguiu um objetivo que é a autodisciplina.

As luzes da última cidade por onde passei, do asfalto que as vi, eram poucas e alegres. Parecia mão de criança fazendo gestos puros de aceno em uma despedida.

Comprei-as mentalmente nestas noites incertas e tristes de primaveras, quando tudo me parecia um enorme circo iluminado com enormes elefantes de concretos e milhares de acrobacias computacionais.

Na sublime acrobacia dos seus habitantes, exatamente pelo gosto de ver a diferença dos extremos.

Cada vez me sinto mais magoado com as pessoas.

Elas na maioria das vezes não correspondem ao exemplo de solidariedade que eu gostaria de ter.

Se ousar entristecer-me, perco o contato com os meus semelhantes que preferem pessoas alegres, então, fico mais só do que me encontro agora, nessas veredas da vida. Nessa luta constante pela busca de um rumo.

Existem coisas que pesam em nossos ombros com se mil toneladas fossem.

Existem coisas assim...

Como diria Drummond “teus ombros suportam o mundo” no poema do mesmo título.

Lembro agora de certo texto do romance de Albert Camus “Dei aos homens a parte que lhes cabia. Diga-se de passagem, que com eles, menti e desejei. Fui feliz. Fui sincero. Lutei e lutei. Corri do ser ao ser. Fiz o que era preciso. Agora, basta. Tenho contas a ajustar com essa paisagem. Desejo ficar só. Sozinho com ela.”

Fiz o que pude para chegar até aqui. Contemplo o meu altivo esforço como se visse antecipada, a manhã que agora nasce

mansamente, surgindo no horizonte, por trás dos raios brilhantes de sol, me levando a desejar ser como esses raios de luz para que pudesse visitar minha casa de infância, iluminando suas paredes rachadas pelo tempo, abandonada pela vida e com o piso velho assim como velho estão os que nela moravam.

É como se de repente os ombros se vissem obrigado a carregar, do mundo, todas as dores.

Fiz o que pude para chegar até aqui. Agora, por favor, me deixe ficar só.

Com quem realmente me compreende, a solidão.

NILO MORAES



25 ANOS DA APLA

Academia Pesqueirense de Letras e Artes – O pioneirismo dos sanharoenses Leonides e Moisés

PAULO MUNIZ

Hoje, Jubileu de Prata da nossa Apla é dia de lembrar. Por isso, assumi esse privilégio de referenciar dois ilustres sanharoenses que, pioneiramente, se incorporaram a esse projeto que nasceu da abnegação de um pequeno grupo de pesqueirenses, que ousaram criar a academia.

Os percalços e às necessidades da vida havia os separado e a materialidade do feito os juntou. Foram crianças juntas na antiga vila, depois distrito. Ao seu modo e condições, ambos tomaram o rumo da capital, em busca de estudos.

Moisés tornou-se professor e Leonides engenheiro civil. Seus caminhos da vida não cruzaram. Moisés retornou a Sanharó, em 1992, para lançar seu primeiro livro: Memórias Poéticas, uma alusão às reminiscências da infância. Depois veio Cotidiano antigo de Sanharó, em 2000 e Claridades em 2008.

Leonides recebeu uma comissão de notáveis para formalizar o convite à entidade em vias de ser criada. No transcorrer da conversa, surgiu uma pergunta que redundou no Moisés e o passo seguinte foi estender-lhe idêntico convite, prontamente aceito por ambos.

Leonides escreveu o livro Memórias do engenheiro do DNER, onde traçava sua trajetória profissional dentro da repartição com passagens por Belo Jardim, Arcoverde, Salgueiro, Palmares e Recife. A entrada na Apla, deu-lhe um enorme impulso para escrever e o que se viu a seguir foi um conjunto de trabalhos literários que o notabilizou



como uma pessoa realmente dedicada à leitura e mais ainda aos escritos.

A propósito dos temas predominantes nos acervos dos homenageados, tomo emprestado ao ilustre pesqueirense, adotado pelo Pajeú, escritor Luiz Cristóvão: - “Ai chão da minha infância iluminada / No sol vivo do agreste e do sertão / Hoje nem sei se é paraíso ou chão / Aonde tenho a minha alma enraizada.

Leonides de Oliveira Caraciolo, cujo pai, Laurentino Ventura Caraciolo foi vereador em Pesqueira por três mandatos e prefeito de Sanharó em dois mandatos, tendo sido o primeiro eleito do recém criado município, em 1949. Assumiu a Cadeira 04, que tem como Patrono, Joaquim de Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti – Cardeal Arcoverde, hoje, ocupada por mim – Paulo Roberto Leite Muniz.

Moisés Alves de Siqueira, assumiu a Cadeira 03, o também pesqueirense, Anísio Cordeiro Galvão, deputado estadual. Hoje quem ocupa é o estimado amigo e multiartista Célio Guimarães.

Em suma, Sanharó orgulha-se pelo pioneirismo dos seus dois filhos, não apenas pelo valor literário, mas, acima de tudo, pelo valor moral e pelo exemplo de dedicação ao torrão natal. Seus feitos são repassados. Suas ações são aplaudidas e seguidas por muitos, também, abnegados, com intensa inserção no cotidiano de Pesqueira. Terra que acolheu Sanharó ao longo da sua existência. Era comum pessoas mais antigas se referirem a Sanharó como o lugar que por três anos acolhia os Pesqueirenses que iam pegar o trem da Great Western, no início do século XX. Em outro momento, o famoso industrial e comerciante Jurandir de Brito, admirador do lugar, gostava de referir-se a Sanharó como; “a sala de visita de Pesqueira”. Isso é lindo”

Concluo, exortando os acadêmicos que hoje integram essa prateada casa de cultura e saber e cito Paula Alves e irmã Gazinelli, autoras do nosso Hino, na estrofe:

“Nasce flor numa estirpe de mitos / E a cultura de um povo enalteces / Pela gana de um sonho inaudito / Imortais de valor enalteces.

Socorrendo-me ainda, dos Pares; Margarida e João Capri no seu baião à Apla: *“Imortais seus valores se elevam / Nesta Terra, além Ororubá / Exaltando sertão e agreste / Nova Atenas és eterno ecoar.*

Peço respeitosa vênias para citar Sheila Maiara e Zaldo Mendes, ambos, assim eu, egressos do enxame da Sanharol, origem de tudo e que os enviou para cá, para somar-se às personalidades pioneiras e de agora que com cultura e arte emprestam o melhor si pela continuidade e aprimoramento dos princípios que norteiam a Academia Pesqueirense de Letras e Artes – APLA.

Salve o Jubileu de Prata! Salve a nossa Academia!!!

a) Paulinho Muniz – Acadêmico – Cadeira 04.





JACQUELINE TORRES

Crônica



APLA - Entre Palavras e Memórias: 25 Anos de História

A nossa nobre Academia Pesqueirense de Letras e Artes – APLA, completa seu Jubileu de Prata. Expressivos 25 anos de história e cultura, pautados de muita arte e literatura. A poesia e a prosa ao longo desses anos seguem pulsantes. Ao ofício sublime da palavra somam-se outras expressões da arte e do saber, a música, os registros históricos, as pesquisas, a cultura como um todo, fortalecidos pela eminência da erudição, da sensibilidade aguçada de homens e mulheres que manifestam nas suas produções, a genialidade criativa que pelos séculos inscreve à pena de ouro seus nomes nos cânones da história.

Por essa instituição, grandes vultos passaram e sob a efigie de patronos e patronas ilustres, confrades e confradeiras seguem o legado que desde áureos tempos da nossa amada Pesqueira, suscitou-lhe o título de Atenas do Sertão, atribuído pelo egrégio Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, notoriamente conhecido como Cardeal Arcoverde.

E se é distinto o corpo artístico que ora dá vida à dinâmica dessa instituição, distinto é o seio que o acolhe, distinto é o edifício centenário, de beleza arquitetônica, plantado nas cercanias da graciosa Praça Comendador José Didier. Ali se inscreve viva e notável a Academia Pesqueirense de Letras e Artes.

Dispenso aqui em breve exposição, considerando o prestimoso valor dessa instituição, meu tributo à memória, aos imortais que a compõem e à história centenária de suas instalações.

Alicerçado na planície que se

estende do sopé da Serra de Urubá, Terra dos Xukuru, Terra da Nação Tapuia, firmou-se nos primeiros fôlegos do século XX para fins administrativos da histórica Fábrica Rosa dos irmãos Antônio e José Didier. Serviram suas instalações de escritório. As décadas passaram nos calendários e tomou outro rumo o antigo prédio. Serviu por fim de guarita ao esplendor das letras, suas vetustas paredes quantos poemas, versos brancos, rimas, crônicas, contos, quantas notas de canções maviosas ao longo desses 25 anos, prenderam-se e prendem-se à sua textura recatada e nobre? Quantos poemas bordam seus ares de iluminada beleza? Por seus refinados salões as marcas imperceptíveis de nossos passos aplainam antigos passos, por seus pórticos quantas pessoas cruzaram? Suas salas amplas, suas portas com bandeira, arcos, balaustrada, janelões envidraçados donde pendem hoje, refinadas cortinas atadas de fitas acetinadas, quantas memórias guardam?

Hoje nas suas salas, uma luz tênue permuta antigos candelabros, talvez antigas arandelas... Sua mobília escura, antiga e rebuscada

enleia-se com o moderno e conversam certamente nos silêncios solitários das coisas inanimadas com as lembranças guardadas no tempo para além do tempo que filtra na amпуheta um jubileu de prata.

É essa edificação, memorável casarão que vence o tempo, ereta e imponente que abriga com discrição e apuro o território da palavra, sagrada nos versos, nas prosas, nas canções que esta nobre casa abriga. Aqui repousa a arte em suas variantes, os espíritos inquebrantáveis, as almas apaixonadas, vibrantes, lúcidas, intensas, de escritores e escritoras, poetas e poetisas, artistas nas mais variadas e expressivas linguagens.

No seio dessa casa habita a expressão excelsa da sensibilidade humana, a arte que marcha alta, resoluta e bela, rumo ao porvir na notável e perene produção de seus acadêmicos e acadêmicas. Vida longa e portentosa à Academia Pesqueirense de Letras e Arte.

Jacqueline Torres –
Acadêmica Cadeira
Nº 5, Pesqueira,
20 de maio,
Outono de 2026.



NUMA MANHÃ COMUM



Caminho pela Duque de Caxias
pela Cardeal Arcoverde...
Em fotografias do
passado deste alheio passeio
num futuro distante, bem distante seremos apenas
vultos.

O tempo passa
à cécega de nossa presença, invulnerável
ríspido, resoluto, implacável. Seremos vultos nos
retratos palidez risonha e anônima
pouco firme.

O tempo caminha pelas ruas segue os meus
passos
e só ele fica. Passamos.

Apenas o sol permanecerá severo enquanto
envelhecemos diluimos nas sombras
A Serra que vigiou vetustos vultos segue fluída,
minimamente transmutando-se sob o
assinalamento geológico.

Mas grave à margem da vida a vigiar nosso
caminhar
o calendário assombra os dias... E eu sigo em
silêncio pela Anísio Galvão
passo a passo e passo serena Nada mais sendo
num retrato Senão a leve presença imprecisa que
o tempo guardará,
alheia e anônima numa
velha fotografia que nada saberá
dessa
manhã comum
num dia qualquer de um agosto em 2024.

FEITO NO DOMINGO

Tem coisa que combina,
feijoada com domingo,
poesia com silêncio
tua boca com a
minha Meu verso
branco
na tua rima.

Jacqueline
Torres



As Coisas e Eu



JACQUELINE TORRES

Não sei que insanidades são estas que me provocam a teima em julgar vida nas coisas. Não sei se vêm da consciência científica da presença dos átomos na constituição dos objetos mortos, ou se provêm do excesso de animações que povoam a minha mente desde a minha mais tenra idade.

Há ainda uma terceira possibilidade que seria o tino de doida que sempre tive, não obstante os pendores artísticos que desde muito me acompanham. Porém não é raro imaginar que as coisas se relacionam, comigo em especial, como se fossem gente.

A janela birrenta que bate no caixilho sem que vento nenhum a sopra. Torno a abrir e ela torna a se fechar. O trinco da porta que rude me agarra a ponta da blusa, a manga da camisa, do casaco, o laço do vestido e me arrasta da pressa, dois passos atrás, o supetão em que me pega é um disparate sem comparação!

Assim seguem as coisas, tampas de panela cheias de dente que escorregam repetidas vezes, cadeiras sarcásticas que se interpõem meio palmo donde vou passar, embora eu as tenha desviado da minha via.

Sapatos ridentes que saem inescrupulosamente de sob as camas para que os pise, para que me tentem a um esborracho...

As coisas riem debochadas. Não me afagam, são irritantes, perversas, cínicas! Todas articuladas covardemente para medir

a densidade de minha frágil paciência.

Minha convivência com as coisas não é serena. Contudo temos períodos de armistício, elas se desobrigam de mim e eu me descuido delas. Nem as percebo! Mas não demora muito para que uma blusa trocista vá deslizando, deslizando de uma pilha de roupas onde nenhuma mais se mexe e caia em risadas no piso do quarto e numa conspiração com as portas do guarda-roupa provoquem-me um esbarrão de minha cabeça com uma quina, enquanto apanho a blusa, agora muda, inerte e satisfeita sobre a cerâmica.

Não sei por quanto tolero esses acintes! Mas não me vejo só em uma sala para não imaginar que as coisas engolem um risozinho impudico, ou ver meus olhos estrábicos mirando-as desconfiados.

Há uma impostura silenciosa nas coisas!

Ainda vou localizar donde vêm esses pantins...

Minha avó paterna decerto diagnosticaria

sem preâmbulos: Falta de juízo. Mal de família!



ACADEMIA PESQUEIRENSE DE LETRAS E ARTES - APLA - 25 ANOS - JUBILEU DE PRATA -

ZÉLIA COSTA

O trajeto notável da *Academia Pesqueiraense de Letras e Artes – APLA* é a alma da comemoração dos 25 anos de um caminhar louvável, *Jubileu de Prata!* Uma conquista que ufana a nossa cidade, o nosso povo e a nós, Acadêmicos, de cuja Entidade fazemos parte. Mas não podemos deixar de citar, outrossim, aqueles que bravamente batalharam com denodo para a concretização do sonho de uma Academia de Letras para a nossa urbe. É como dizer-lhe: “Não és, Pesqueira, apenas a lendária, mas, também, a eterna “Atenas do Sertão”.

E neste cenário reluzente da *APLA* vivemos ativos e orgulhosos, a alegria do seu *Jubileu de Prata*. Foi uma incansável caminhada propalando cultura e buscando, veementemente, promover a expressão de uma literatura viva, por meio das palavras, gestos, poesias, música e das artes – sejam verbais, corporais ou escritas, numa confirmação do processo evolutivo do propósito da APLA. Uma jornada de equilíbrio, fidelidade, persistência e comprometimento com o escopo desta Instituição.

A Academia Pesqueiraense de Letras e Artes escreve a sua história desenhando uma identidade cultural para o nosso povo, para Pesqueira e para além do nosso limite geográfico, indo além-mar, pois a edição de um Jornal da Academia, produção do acadêmico Flávio Jardim, teve como primeiro comentário, o de uma pessoa nos Estados Unidos.

Quanta honra nos dá a querida *APLA*, quanta



dignidade! Nossa Academia é a guardiã da “Última Flor do Lácio”, nossa língua bela, de cujo manancial se servem a literatura e toda a cultura. É um quarto de século de resistência literária fomentando nas mentes e nos corações o amor pela escrita e pela oralidade; Isto

tem nome e sobrenome: “Amor a Pesqueira”.

Estamos profundamente emocionados com esta tão nobre comemoração, possibilitada por aqueles que nos antecederam: os fundadores desta Academia, aos quais devotamos o nosso reconhecimento e gratidão. A maioria já fez a sua Páscoa. A estes, a nossa eterna saudade. À Presidenta, Maria da Conceição Alves Lima, nossa admiração e aplausos, pelo desempenho deslumbrante à frente da APLA, contando, incondicionalmente, com a cumplicidade dos demais membros da Diretoria.

Júbilo é o meu sentimento neste instante de tão bela e grandiosa comemoração do *Jubileu de Prata* da *APLA*. Uma alacridade me toma a alma ao me sentir parte desta esplêndida história e lindíssima trajetória. É como descansar no regaço da cultura, beijando as rimas e os versos de uma “Sinfonia Poética”, estendendo-lhe um harmonioso tapete de música e flores.

Viva a Academia Pesqueiraense de Letras e Artes!

Zélia costa.



APLA, 25 ANOS ESPALHANDO LETRAS E ARTES

AUTOR: JOSÉ SEVERINO DO CARMO

Sanharó aqui vizinha
A Pesqueira pertencia
Lá no Sítio Caianinha
Minha família vivia
Sendo lá que eu nasci
Mas vivi lá só um dia

Pesqueira é minha terra
Você pode acreditar
Foi aqui que me criei
Vendo a aurora raiar
Contemplando as estrelas
Belas noites de luar

Foi aqui que conheci
A carta do abecê
Desde as primeiras letras
Conto isso pra você
Ingressar na academia
Foi o meu maior prazer

No ginásio Cristo Rei
4 anos estudei
Saí de lá com bagagem
Pra quase tudo que sei
A disciplina de lá
Jamais eu esquecerei

Atuei na Difusora
Lá na década de sessenta
Escrevi pra Era Nova
Artigos mais de quarenta
Fui presidente do Lions
Lá pelos anos setenta

No aspecto social
Marquei a minha presença
Na presidência do Lions
Cumprindo minha sentença
Já no Clube dos 50
Assumi a presidência

Pesqueira por sua vez
mais de um século de luz segue
mostrando ao Brasil
os frutos que ela produz



pois quem honra a inteligência
sempre ao progresso conduz

Foi berço de gente ilustre
de talento e de saber
que souberam com seu brilho a
cidade engrandecer
fazendo o nome Pesqueira
no país resplandecer

Poetas, mestres, juristas músicos de
inspiração
médicos e pesquisadores homens
de grande visão fizeram desta
Pesqueira celeiro de vocação.

E para guardar tamanha herança de
distinção
nasceu a APLA guardiã
da memória e da expressão
cultivando arte e letras
com zelo e dedicação

A nossa APLA querida
É templo de inspiração
onde cada acadêmico
cumpre a nobre missão: defender
nossa cultura
com coragem e paixão.

Aqui convivem as artes
a poesia a razão

a pintura e a música
o teatro a narração
todos unidos em prol
de uma valorização.

São vinte e cinco janeiros
de fecunda trajetória registrando
em cada livro fragmentos da
história
para que o futuro escute
lições da nossa memória

Trezentos meses de vida
Um marco especial
guardando a chama acesa
patrimônio cultural
trabalho silencioso
de valor monumental

Salve os mestres e os sábios salve a
nova geração
que mantém viva a herança com
muita dedicação
fazendo ecoar mais longe nossa voz
e vibração.

Salve todos acadêmicos
que com nobre idealismo
transformam letras em pontes de
cultura e civismo defendendo a
entidade
Com vontade e altruísmo

Que a APLA siga firme
com coragem e união
abrindo novas veredas
para a arte e a educação elevando
ainda mais
o nome deste rincão.

Que Pesqueira continue
seu destino singular
como farol do Nordeste sempre
pronta a irradiar
o poder transformador
que o saber pode
ofertar.



O Dia da Língua Portuguesa — 05 de maio

Há dias que passam discretos no calendário, quase em silêncio, como quem não quer incomodar. Mas o 5 de maio não deveria ser assim. É o dia de celebrar aquilo que nos veste por dentro: a língua que pensamos, sentimos e dizemos — a nossa Língua Portuguesa.

Ela não nasceu aqui, nem ali. Foi atravessando mares, sobrevivendo a tempos, misturando-se a outras vozes até se tornar essa riqueza que hoje falamos com naturalidade, sem perceber o milagre que carregamos na boca.

A Língua Portuguesa não é só regra, nem apenas gramática. Ela é memória. Está no “oxente” que escapa no susto, no “saudade” que não cabe em tradução, no “meu bem” dito com carinho ou no silêncio carregado de tudo o que não conseguimos dizer.

É a língua das cartas que já não escrevemos, dos bilhetes que ainda guardamos, das orações sussurradas em noites difíceis. É também a língua dos poetas — de Fernando Pessoa, que nos ensinou a ser muitos, e de Carlos Drummond de Andrade, que nos mostrou que até a pedra no caminho pode virar poesia.

No Brasil, ela ganhou cores, sotaques, ritmos. Tornou-se quente, expansiva, cheia de vida. Aqui, a Língua Portuguesa dança — e dança diferente em cada canto. Em



**GALBA
MACÊDO**

Pernambuco, então, ela tem um tempero especial: é firme, é doce, é direta, é afetuosa. É casa.

Mas há algo que preocupa: estamos falando muito... e escutando pouco. Escrevendo rápido... e sentindo menos.

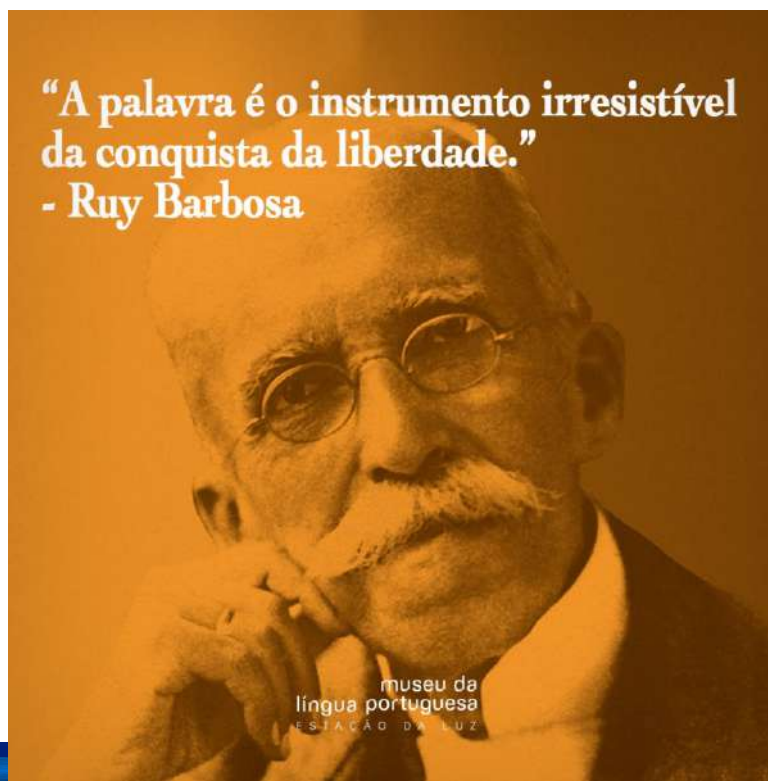
Talvez este dia sirva como um convite — não para falar mais, mas para dizer melhor. Para escolher palavras com cuidado, como quem escolhe flores para alguém querido.

Porque a língua que usamos também revela quem somos.

E no fim das contas, a Língua Portuguesa não mora nos livros — ela mora em nós. Vive em cada conversa na calçada, em cada história contada na cozinha, em cada lembrança que insiste em ficar.

5 de maio, não é só o dia de uma língua. É o dia de tudo aquilo que conseguimos sentir... quando encontramos as palavras certas.

“A palavra é o instrumento irresistível da conquista da liberdade.”
- Ruy Barbosa





GALBA MACÊDO

APLA: 25 anos guardando a alma da Atenas do Sertão

mundo cada vez mais apressado, onde tudo parece passageiro e descartável, manter viva a reverência ao livro, à escrita, à pesquisa histórica, à poesia e às expressões artísticas é quase um ato de coragem.

Quantos textos nasceram sob sua inspiração? Quantos talentos encontraram acolhida? Quantas lembranças de nossa terra ganharam registro para que o amanhã saiba quem fomos?

Pesqueira, com suas histórias de progresso, seus tempos de fábricas apitando, suas ruas cheias de trabalhadores, sua fé, seus artistas, seus intelectuais, carrega uma alma profundamente cultural. E a APLA, nesses vinte e cinco anos, ajudou a proteger essa alma.

O Jubileu de Prata não celebra apenas o tempo que passou. Celebra a permanência de um ideal.

Porque instituições assim não envelhecem; amadurecem.

E se hoje olhamos para a APLA com orgulho, é porque nela reconhecemos um espelho da própria cidade: resiliente, sensível, cheia de memória e esperança.

Que venham novos escritores, novos artistas, novas vozes. Que as cadeiras acadêmicas continuem sendo ocupadas não apenas por nomes, mas por compromissos com a cultura.

Neste maio festivo, Pesqueira aplaude a sua Academia.

E talvez, entre uma página virada e outra, a velha Atenas do Sertão sorria em silêncio, feliz por saber que ainda há quem cuide tão bem de sua herança.

Parabéns, APLA. Pelos 25 anos. Pela história. Pela permanência. Pela alma.

Maio chega trazendo consigo um perfume especial de memória, cultura e celebração. E desta vez, o calendário não marca apenas mais um mês; marca um tempo precioso: o Jubileu de Prata da Academia Pesqueirense de Letras e Artes — APLA, que completa 25 anos de dedicação à palavra, à arte e à preservação da identidade cultural de nossa querida Pesqueira, a eterna Atenas do Sertão.

Há cidades que se reconhecem por suas paisagens. Outras, por suas riquezas materiais. Pesqueira, porém, sempre se distinguiu também pelo pensamento, pela sensibilidade e pelo amor ao conhecimento. Receber o título de Atenas do Sertão não foi acaso nem gentileza poética; foi reconhecimento de uma vocação construída por homens e mulheres que fizeram da educação, da literatura e da arte um patrimônio vivo.

E nesse cenário, a APLA surgiu como quem acende uma lamparina para que a memória não se apague.

Porque academias de letras não são apenas lugares de encontros formais ou solenidades elegantes. São guardiãs do tempo. São casas onde as palavras encontram abrigo, onde histórias locais recusam o esquecimento, onde a arte se veste de permanência.

Durante esses 25 anos, a APLA foi mais que instituição; foi resistência. Num





Salve, Salve...



SANGER

A postura de um acadêmico envolve uma série de atitudes e comportamentos que são fundamentais para o desenvolvimento pessoal e profissional dentro do ambiente acadêmico. Em primeiro lugar, a curiosidade intelectual é uma característica marcante; um acadêmico deve estar sempre disposto a questionar, investigar e buscar novas informações, promovendo uma mentalidade aberta e crítica.

Além disso, a ética é um elemento central na postura de um acadêmico. Isso inclui a honestidade na pesquisa, o respeito ao trabalho dos outros e a consideração pelas normas acadêmicas. A integridade na

produção de conhecimento é crucial para o avanço das Letras e das Artes da nossa região.

A disciplina e a organização são igualmente importantes. Um acadêmico precisa gerenciar bem o tempo, seu comportamento, prazos e manter um equilíbrio entre outras obrigações, pesquisa e, muitas vezes, outras responsabilidades, como o ensino, compreensão e ou, a orientação.

A capacidade de trabalhar em equipe e comunicar-se de

forma eficaz é outra competência essencial. Muitos projetos acadêmicos requerem colaboração com colegas, compartilhamento de ideias e integração de diferentes áreas de conhecimento.

Por fim, a reflexão e a autoavaliação são práticas que ajudam o acadêmico a identificar suas forças e fraquezas, permitindo um crescimento contínuo. Em suma, a postura de um acadêmico não se resume apenas ao conhecimento técnico, mas também à construção de um caráter ético, colaborativo e reflexivo, preparando-o para contribuir de maneira significativa para a sociedade.

Respeito aos Acadêmicos(as), é de bom tom, o que evita o pecado da Prepotência e do Desrespeito aos seus pares e sociedade em geral...

Ainda bem que na nossa Academia, a convivência é nota 10.
Salve,
Salve a APLA.



Hino do Sesquicentenário da Paróquia de Pesqueira



**MARGARIDA
MACIEL**

Ó Mãe dos Homens, ó capela tão amada
A primeira que em Pesqueira
Aos cristãos veio alegrar
Com a construção da nova igreja
Transferiu-se esta paróquia
Pra Sant'Águeda louvar

Refrão

Há cento e cinquenta anos
De mãos unidas a serviço da vida
Samaritana e missionária és guarida
Em Jesus Cristo sua bandeira é erigida

Ao contemplarmos hoje a tua linda história
Tantos frutos e exemplos
De um trabalho em mutirão
Jubilosos com amor nós celebramos
Te pedimos força e ânimo
Pra cumprir nossa missão

Somente em Ti, ó Senhor, nosso rochedo
As futuras gerações
Iremos reencantar
Ao celebrarmos este sesquicentenário
Sendo sal, fermento e luz
Vamos nos revigorar.

Margarida Maciel



ZEZÉ CORDEIRO

APLA, Catedral das Letras de Pesqueira

Nas colinas douradas de Pesqueira,
onde o vento beija as serras
e o sol derrama ouro sobre os telhados antigos,
ergue-se soberana a APLA —
Academia Pesqueirense de Letras e Artes —
feito um templo sagrado da palavra,
uma catedral invisível
onde a poesia ajoelha-se diante da eternidade.

Ali, entre páginas e sonhos,
nascem versos que florescem
como jasmims em noites de luar sertanejo.
Cada escritor é um guardião da memória,
cada artista, um semeador de beleza
nas estradas do tempo e da cultura.

A APLA não é apenas uma entidade;
é chama acesa no coração de Pesqueira.
É a voz dos antigos poetas
ecoando pelas ruas históricas,
é o perfume da inteligência
misturado ao amor pela terra querida.

Com o projeto "Pesqueira das Letras",
a Academia abre janelas para o infinito,
abraçando estudantes, mestres e sonhadores,

fazendo da educação um rio luminoso
que corre manso em direção ao futuro.
E em cada sessão solene,
como as realizadas no inesquecível Hotel Cruzeiro,
a cidade veste-se de gala
para reverenciar seus filhos ilustres.

São vinte e cinco anos
bordando cultura com fios de esperança,
vinte e cinco anos plantando sabedoria
no solo fértil da inspiração.
Uma trajetória construída
com talento, coragem e amor
por homens e mulheres notáveis
que transformaram palavras em patrimônio.

Parabenizo, com emoção sincera,
a gloriosa Academia de Letras e Artes.
Que Deus derrame eternidade sobre sua história
e que jamais se apague
a luz desta constelação literária
que faz de Pesqueira
um jardim eterno de arte, memória e poesia.

Zeze Cordeiro



A APLA E O COMEÇO DE TUDO

ZULEIDE SIQUEIRA

Acabava a década de 90, o século e o milênio e com isto o medo de que algumas profecias se cumprissem, era sentido por muita gente. De todas, a que mais aterrorizou foi a do “ fim do mundo.”

Nada disso aconteceu! A virada se deu de modo tranquilo para a nossa surpresa e os pesqueirenses experimentaram a alegria de verem surgir um lugar que confirmasse os talentos artísticos da terra. A Academia Pesqueirense de Letras e Artes-APLA dava os seus primeiros passos, através da persistência inabalável de Adeilton Tenório de Brito, Walter Alves Ramalho, José Aírton Monteiro e outros que se reuniram



em torno do mesmo ideal, a fim de fundar uma instituição cheia de pompa, à altura da Atenas do Sertão.

Durante os sucessivos encontros que os fundadores tiveram, elegeram 40 personalidades que se destacaram em Pesqueira e em Pernambuco e lançaram mão de

algumas estratégias para decidirem onde seria a sede, fato que entusiasmou a todos.

Trataram de convidar as pessoas ilustres e todos que de algum modo apreciam e contribuem para o fazer literário. Na linda casa de Aírton Monteiro e Sônia Rodrigues, localizada na Rua Dr. Lídio Paraíba aconteceu a sessão inaugural e as subsequentes.

Em maio de 2021 foi oficializada a fundação da nossa APLA na Câmara de Vereadores de Pesqueira, na Casa Anísio Galvão e neste ano de 2026, ela fará 25 anos com a linda missão de difundir a arte, a Literatura e a cultura da nossa Pesqueira.

Parabéns, cidade querida! Parabéns, APLA pelo Jubileu de Prata! Que os teus membros possam honrar o legado desses bravos notáveis que fizeram de um propósito, essa linda casa de cultura!



Por que celebrar?

MARIA JOSÉ TORRES KLINSA

O espírito celebrativo tem marcado civilizações ao longo da história. De forma espontânea surge como um desejo, uma vontade de externar gratidão por algo que foi capaz de tocar a alma. Daí as celebrações serem rituais ricos de significados e simbolismos. Por meio deles a humanidade celebra os mais diversos momentos, seja a passagem do tempo, a identidade cultural, as conexões com o social e o religioso. Os ritos ancestrais tinham mais ligação com a natureza, a religiosidade e os fenômenos astronômicos, mas gradativamente foram evoluindo para celebrações artísticas, aniversários, datas cívicas, históricas, institucionais, confraternizações.

Celebramos, em trinta e um de maio deste ano, os vinte e cinco anos de fundação da APLA – Academia Pesqueirense de Letras e Artes, honrosamente Casa Gilvan de Almeida Maciel, um dos seus maiores colaboradores ao longo desse tempo. A ele muito se deve. A reforma do Estatuto (2009), o livro Galeria dos Patronos (2010), a organização da biblioteca, entre outros.

Apla, instituição cultural que tem oferecido singular presença à Terra da Graça, onde a Mãe de Deus



também escolheu aparecer a duas crianças no alto da Serra do Ororubá, em 1936. A cidade tem sido privilegiada desde suas remotas origens por ilustres filhos de larga visão cultural. Celebrarmos essas bodas é a eles nos remeter. Eles que lá atrás deixaram impresso na memória da cidade o legado dos seus saberes. E por que não dizer também do gosto pelas atividades intelectuais e artísticas? Entusiastas e bem preparados professores, religiosos, escritores, jornalistas, artistas, muitos foram os que contribuíram para o crescimento da educação local, sobretudo numa época em que esta era de difícil acesso à região do alto sertão. A Apla é semente que floresceu dessa geração.

Celebrarmos os vinte e cinco anos da Apla é muito mais que festejarmos sua fundação, seu

princípio ou uma data que o calendário aponta. É antes reconhecê-la em seu valor como instituição necessária para o enriquecimento da sociedade com sua identidade cultural. É lançarmos um olhar pela trajetória de muitas lutas, desafios, transformações.

Mas também de conquistas várias, desde os seus fundadores, dirigentes e membros com ela comprometidos. E aqui vale ressaltar o período áureo que ora vivenciamos com a atual administração da escritora Conceição Alves, desde 2021. Celebrarmos pois este evento nos envolve de sentimentos de gratidão pela terra berço, enquanto nos conscientiza do nosso dever de lhe retribuir a partir do lugar que hoje ocupamos na Casa Gilvan de Almeida Maciel.



146 anos de cultura

Há cidades que apenas existem no mapa. Outras, porém, permanecem vivas na alma de quem nelas nasceu, cresceu ou aprendeu a amar suas ruas, suas histórias e sua gente. Pesqueira é assim: uma cidade que transcende a geografia para tornar-se memória, identidade e sentimento.

Ao celebrar seus 146 anos, a terra dos índios do Ororubá reafirma sua vocação para a resistência, para a fé e para a beleza cultural que atravessa gerações. Entre serras e tradições, Pesqueira guarda marcas profundas de um povo que aprendeu a transformar o tempo em herança e a simplicidade em grandeza.

Nas praças, ainda ecoa o movimento sereno das rendeiras, mãos habilidosas que entrelaçam fios como quem borda a própria história da cidade. Cada renda carrega traços da delicadeza

ANA PAULA LIMA

feminina nordestina, da arte silenciosa e da permanência das tradições que resistem ao passar dos anos.

Pesqueira também é espiritualidade. É o olhar voltado para o alto, onde o Cruzeiro parece abraçar a cidade em noites silenciosas. Ali, muitos depositam suas esperanças, suas dores e agradecimentos. A fé do povo pesqueirense não se limita aos templos; ela caminha pelas ruas, vive nos gestos solidários, nas famílias e na força cotidiana daqueles que jamais desistem.

Na terra de Anísio Galvão, a cultura floresce como testemunho vivo de um povo guerreiro. Cada manifestação artística, cada celebração popular e cada memória preservada reafirmam o orgulho de pertencer a uma cidade que honra suas raízes indígenas,

sertanejas e religiosas.

Sob a proteção de Nossa Senhora das Graças, Pesqueira segue sua trajetória com dignidade e esperança. Uma cidade que, mesmo diante das transformações do tempo, conserva intacta a capacidade de acolher, emocionar e inspirar.

Celebrar Pesqueira é celebrar sua gente. É reconhecer o valor daqueles que constroem diariamente a história desta terra marcada pela coragem, pela fé e pelo amor às suas origens ancestrais.

Que os 146 anos de Pesqueira sejam mais do que uma data comemorativa: sejam a reafirmação do orgulho de pertencer a esta Cidade da Graça.





ANA PAULA LIMA

Cidade da Graça

*Oh! cidade da Graça
Dos índios do Ororubá*

*Rendada a moça na praça
Desfila a se mostrar*

*Muitas coisas a conhecer
Na terra de Anísio Galvão*

*A fé do povo guerreiro
A pedir em oração*

*Muitos oram e pedem a Deus
No cruzeiro, a proteção*

*Nossa Senhora das Graças
Abençoa essa gente*

*Que vive nesta cidade,
Cada dia mais contente!*

